

## FORMA URBANA E PLANEJAMENTO

### Tradições nos dois lados do Atlântico

Urban Form and planning  
Traditions on both sides of the Atlantic

**Bitencourt, Ricardo Batista;**

(Universidade de Brasília) ricardobbitencourt@gmail.com

**Gomes, Ramon Fortunato;**

(Universidade de Brasília) ramon.fortunato.gomes@gmail.com

### RESUMEN

A cidade depende de sua forma que é fruto de sua evolução histórica, de sucessivas condições sociais, políticas e econômicas, resultando acumulação e integração de ações individuais, e de pequenos grupos (Moudon, 2015; Larkham, 2006). Nesse sentido o artigo busca compreender as relações entre a morfologia e planejamento das cidades portuguesas e aquelas fundadas no Brasil por ocasião dos fatos históricos ocorridos nos dois países, estando dividido em três partes. A primeira produz uma revisão bibliográfica simplificada sobre as formas de ocupação portuguesa do território. A segunda indica abordagens e elementos morfológicos a analisar os casos de Paraty no Brasil e Vila Real de Santo Antônio - VRSA em Portugal e a terceira analisa esses casos comparando os contextos dessas cidades planejadas no passado e refeitas na atualidade, sob o paradigma da contemporaneidade, por meio da difusão no território e do turismo exploratório.

**Palabras clave:** forma urbana, planejamento, história da cidade, componentes morfológicos

**Bloque temático:** morfologías urbanas.

### ABSTRACT

The city depends on its form which is the fruit of its historical evolution, of successive social, political and economic conditions, resulting in the accumulation and integration of individual actions, and of small groups (Moudon, 2015; Larkham, 2006). The article seeks to understand the relations between morphology and planning of portuguese cities and those founded in Brazil on the occasion of historical events in the two countries, being divided into three parts. The first one produces a simplified bibliographical revision on the forms of Portuguese occupation of the territory. The second one analyzes the approaches and morphological elements to analyze the cases of Paraty in Brazil and Vila Real de Santo Antônio - VRSA in Portugal and the third one analyzes these cases comparing the contexts of these cities planned in the past and remade in the present time, under the paradigm of contemporaneity, through diffusion in the territory and exploratory tourism.

**Keywords:** urban form, planning, city history, morphological components

**Topic:** urban morphologies

## Introdução

Esse artigo, produzido no âmbito de pesquisa de doutorado, busca relacionar forma e planejamento, não se limita aos caminhos trilhados da morfologia clássica, embora creia na importância da disciplina.

Cidades são obras humanas, resultantes configuracionais de características históricas e sociais (Medeiros, 2013) e o estudo da forma urbana possibilita compreendê-la, uma vez que morfologia urbana busca aglutinar leituras, examinar indivíduos, organizações, perfazendo relações entre um e outro, embora (Kropf, 2009; Kropf, 2017; Larkham, 2006; Moudon, 2015; Pereira Costa, 2015), devendo ir além dos tecidos consolidados.

Sobre o método utilizado, após breve revisão bibliográfica, são apresentadas análises dos estudos de caso em função de três escalas: a arquitetônica, a do tecido (Kropf, 2017) e a do organismo, aquele formado pela conectividade dos vários tecidos urbanos (Cannigia & Maffei, 2001; Strappa, 2003), principalmente por meio das elevações dos conjuntos, massas edificadas e sistema viário. Com isso, é perceptível a ausência de planos parcelários completos<sup>1</sup>, em parte devida a inexistência de levantamentos pormenorizados disponíveis, de maneira a não negligenciar-se os “fenômenos emergentes e não estabilizados” (Coelho, 2015), sobre os quais também se deve especular.

## 1. Tradições urbanísticas no Brasil

Para Talen (2009), a forma de uma cidade se constrói por meio de códigos, tradições e decisões, e da multiplicidade de atuação destes, e sob determinadas condições locais, articulam-se seus elementos.

Por outra maneira, se a forma é a materialização das condições econômicas e sociais, no Brasil, ela sofre a influência das tradições urbanísticas trazidas pela colonização portuguesa nos séculos XVI a XVIII e suas matrizes romanas, medievais e mouras. Um processo iniciado com a fundação das primeiras cidades que compunham a base do controle de rotas marítimas sendo entrepostos comerciais (Medeiros, 2013).

Com o mundo ocidental até então limitado aos espaços do Mediterrâneo, portugueses tão habituados à vida das bordas do Atlântico, reuniram no decorrer dos séculos XIII e XIV uma comunidade cosmopolita e multicultural de sábios e técnicos, criando no século XVI uma empresa de navegação de grande curso (Magnoli, 2015), que do Algarve alcançaria a costa marroquina, e de lá avançaria até as ilhas da costa africana, descendo pelo litoral atlântico até o hemisfério sul, alcançando o Brasil

Em cada novo porto, uma feitoria, um entreposto, fortificação ou vila, avançando num processo secular iniciado na Idade Média, em que “(...) a cidade se converteu num instrumento da política régia, fundamental na prossecução de dois objectivos indissociáveis: a consolidação do território e a centralização do poder (Trindade, 2015: 62).” Em todos os tempos, o importante era “(...) conhecer, delimitar, povoar e desenvolver economicamente o território” (Trindade, 2015: 60), respeitando os objetivos da política e sempre com programas mínimos, mas de grande eficácia: estruturas defensivas, igreja e casario, em que a investigação da forma tem algo a dizer.

A ideia corrente, as lógicas do semeador e do ladrilhador, imortalizadas na tese de Sérgio Buarque de Holanda (2004), têm sido substituídas. Nela, a cidade em grelha, planejada, suposto monopólio da colonização espanhola, se opõe à cidade orgânica a descer o morro por meio dos caminhos irregulares, livre e desregulada como os “bairros velhos da Ribeira do Porto, povoados de embarcações e de mesterais” (Ribeiro, 1994: 477).

Autores mais recentes sustentam que se de um lado, o predomínio militar, econômico e político da metrópole espanhola sobre as terras conquistadas impunha a disciplina e a visão ordenada dos cosmos, cara à época renascentista, de outro, a adaptação da malha a uma topografia e às condições físicas ambientais do sítio,

---

<sup>1</sup> Utilizou-se imagens do Google Earth quando necessário.

aplicadas ali pelos portugueses, deixava que a cidade se modelasse à sinuosidade e às asperezas do solo (Holanda, 2004), tendo o traçado como um mediador dessas relações (Teixeira, 2015).

Tal técnica já havia sido utilizada na implantação das vilas medievais de Montalvão e Viana do Castelo, com muralha, castelo e traçado em grelha e; na configuração em cidade alta (poder religioso e político, dominado por muralhas e acesso limitado) e baixa (local das trocas econômicas, mais acessível junto às linhas d'água) presentes no Porto e em Salvador, sendo todos exemplos de decisões de planejamento resultantes, definidos ou com implicações na forma. Mesmo caso da reconstrução da baixa Lisboa após o grande terremoto de 1755, quando se optou pela grelha na parte baixa, havendo nas encostas a adaptação ao relevo (ver Fig. 1).

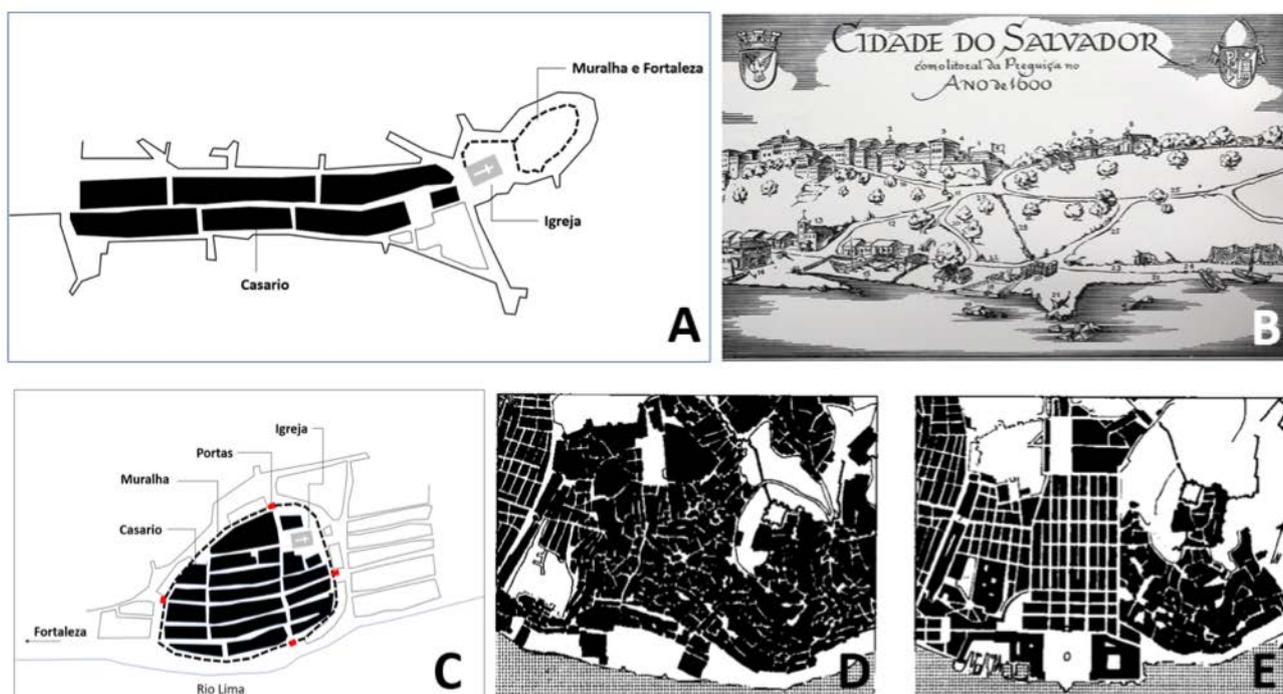


Fig. 1. Ações do antigo planejamento português: A – vila de Montalvão, B<sup>2</sup> - Salvador em 1600, cidades alta e baixa, C - Viana do Castelo medieval, D - Lisboa pré-terremoto, E – Lisboa reconstruída. Fontes: Trindade (2015); Mapas históricos da Bahia (2019), Del Rio (1990).

Mas são também registros de racionalidade e planejamento no trato com a forma, as plantas de São Luís (MA) e Rio de Janeiro, com seus traçados geométricos ajustados aos condicionantes ambientais (Fig. 2). Essas decisões sobre o que fazer mediante condições impostas, e consequente manipulação da forma foram as estratégias usadas na fundação das cidades de Paraty, no sudeste brasileiro e de Vila Real de Santo Antônio (VRSA) no Algarve português, s casos que serão avaliados. Ambas traçadas em grelha, fundadas no período colonial, com propósitos econômicos definidos, são atingidas ao longo tempo pelos efeitos do desenvolvimento de novas atividades econômicas, não sem implicações na sua forma.

<sup>2</sup> Salvador, em 1600, reconstituição por Paulo Lachenmayer, em 1945, tiradas do Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento.

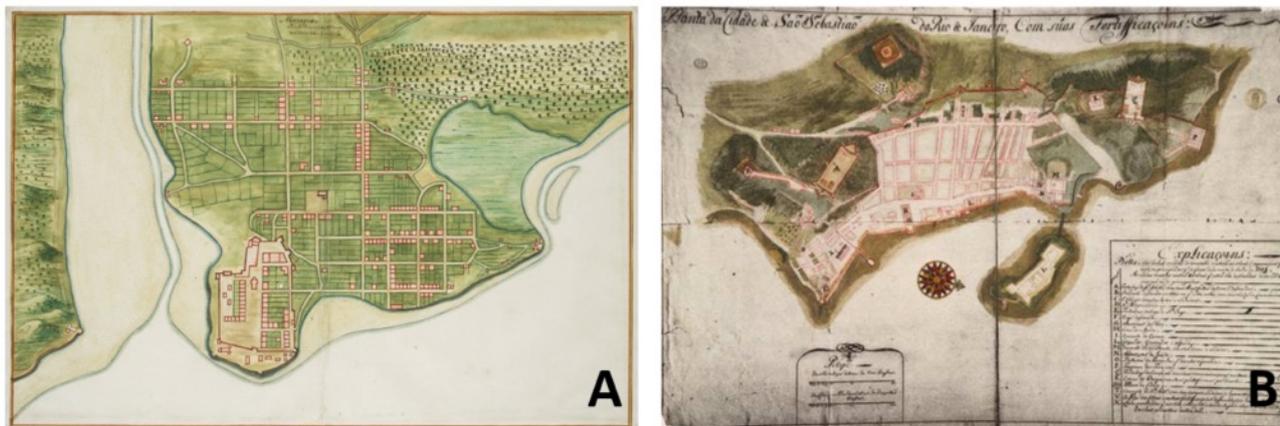


Fig. 2. Traçados regulares em A - São Luís, B - Rio de Janeiro. Fontes: National Archives of the Netherlands (2019), www.fortalezas.org (2019).

## 2. Abordagens e componentes morfológicos

Pereira Costa (2015), Oliveira (2011) e Moudon (2015) destacam que as diversas correntes de morfologia concordam com a importância da história na análise da cidade, quer seja para compreendê-la a partir do passado, ou projetá-la para futuro. Concordam ainda que a investigação em morfologia urbana pode ser realizada em diferentes níveis de resolução, normalmente, o edifício/parcela, a rua/quarteirão, a cidade e a região, havendo unidades urbanas coesas construídas num mesmo tempo, sob as mesmas condicionantes, e que sofreram processos de transformação semelhantes. Entretanto, essas unidades não são e não podem ser simplesmente jogadas, havendo o porquê, o onde, e o que do desenho das cidades (Talen, 2018). Nesse sentido é possível organizar o pensamento da morfologia urbana em abordagens programáticas e autores, indicados no Quadro 1, das quais este artigo destaca duas: a tipo-morfológica e a funcional:

Abordagem programática	Representantes	Componentes/elementos
Histórica-geográfica	Conzen, Whitehand e Larkham	Fringe belts, Períodos e regiões morfológicas, Burgage Cycle
Tipo-morfológica	Muratori, Cannigia, Cataldi, e Strappa	Tipo, Pólos, Nós, Rotas, Séries, Tecido, Organismo.
Funcional	Panerai, Castex e Depaule	Quadra, caminho urbano, rupturas, centralidades, Crescimento
Perspectiva	Lynch, Alexander, Krier	Marcos, formas básicas

Quadro 1. Abordagens programáticas e autores da morfologia urbana. Fonte: Elaboração do autor

### A abordagem tipo-morfológica

A abordagem tipo-morfológica surgiu em meio a crítica do movimento modernista e é especialmente oportuna para se identificar morfogênese das cidades: conjunto de processos que levam a formação de núcleos urbanos evidenciando aspectos topográficos, hidrológicos, pedológicos, climáticos, além dos políticos, históricos e sociológicos. Seus autores focaram a sua atenção no conceito de processo tipológico, existindo um modo de construir, um modelo que se manifesta em cada momento e em cada cultura, denominado consciência

espontânea, complementado pela chamada consciência crítica, geralmente exercida pelos técnicos (Pereira Costa, 2015).

Outro conceito importante é o de área cultural, espaço onde vínculos espaciais são criados entre os habitantes de uma dada área, como num espelho da sociedade, "(...) incluindo um código comportamental de costumes e linguagem diferenciada (...). Dessa forma, cada um vive numa área cultural já definida (...) a consciência e percepção de pertencer (...) de fazer parte de uma entidade espacial" (Pereira Costa, 2015: 207).

A teoria tipológica se desenvolve a partir dos tipos básico e especializado (ver Fig. 3, Fig. 4 e Fig. 5), e ampliando-se a escala por meio de séries alinhadas, organizadas em rotas, que unem polos opostos e se cruzam em nós, formando conjuntos com características semelhantes, chamados tecidos que são unidades de crescimento e transformação da cidade.

A identificação de áreas culturais, tipos e tecidos é útil na gestão de sítios tombados quando ajuda a identificar conjuntos homogêneos, mas também ajuda elaboração de zoneamentos não convencionais, caros ao planejamento contemporâneo (Kropf, 2017).



Fig. 3 e Fig. 4. Séries tipológicas, a partir do tipo básico do sobrado português, em Lisboa e no Porto. Fonte: fotos do autor (2019)



Fig. 5. Tipos básicos e especializado (Clérigos) no Porto em que os planos distintos atribuem monumentalidade ao segundo. Fonte: fotos do autor (2019)

Os tipos básicos sofrem ao longo do processo tipológico, diversificações que podem ser diacrónicas (temporais e transitórias), quando resultado do processo evolutivo ao longo do tempo (Cataldi, 2018), tais como gabarito, altura, introdução de aberturas, número de aberturas, sem modificar substancialmente seu conceito; e sincrónicas (atemporais e definitivas), modificações para ajustes a novas condições ambientais, culturais e o

tecido estabelecido, como projeção, recuos, alinhamento dentre outros (Cataldi, 2018; Pereira Costa, 2015; Strappa, 1995)<sup>3</sup>, alterando significativamente o tipo básico ou mesmo criando um novo tipo, conforme a Fig. 6.



Fig. 6. Diversificação tipológica na Avenida Montevideo, na Freguesia da Foz, Porto. Fonte: fotos do autor (2019) e Google (2019)

Especificamente no caso das rotas, que ligam os vários polos urbanos, elas são geralmente a primeira estrutura urbana a ser tomada em consideração na análise sobre os conjuntos edificados (Pereira Costa, 2015). Podem ser principais, recebendo o tipo básico, dentro das parcelas que formarão as séries tipológicas; planejadas, que geralmente perpendiculares, recebem os lotes que já não cabem na rota principal ou; de conexão quando, permitindo o acesso aos novos lotes dos fundos da rota principal, configuram o quarteirão, repetido de maneira deliberada nas grelhas. No decorrer do crescimento urbano, uma rota alternativa, a de transposição, permitirá o acesso aos dois polos originais de maneira mais direta. Tais processos são atualmente observados em áreas de crescimento informal ou na análise dos tecidos que veremos adiante.

### A abordagem funcional

Surgidos no âmbito da Escola de Arquitetura de Versalhes, a abordagem denominada funcional também emerge como reação à arquitetura modernista (Moudon, 2015). O termo funcional deriva da compreensão de uma sociedade em modelo organicista (Durkheim, 2004), um grande relógio funcional, formado por elementos em que cada um é indispensável e tem sua especialização, da qual decorrem implicações espaciais imediatas (Carpintero, 1998).

<sup>3</sup> Classificação a partir dos conceitos tratados pelos autores. Existem ainda as diversificações diatópicas e sintópicas que não serão aqui tratadas.

Um dos elementos indicados pelos autores parece ser a exatamente a quadra, no passado ou no presente, uma das maneiras que o homem, a partir das consciências espontânea e crítica, se utilizou para organizar sua atuação no território. Disseminada pelos gregos e romanos, também pelas bastides francesas, pelas cidades medievais portuguesas como citado, avançaram pelo renascimento nas terranuovas italianas<sup>4</sup>, nos ensanches espanhóis, nas land ordinances de Manhattan e nos traçados positivistas de Belo Horizonte e La Plata, em todos esses casos trazendo a ideia de racionalidade, a cidade quadriculada, fruto de raciocínio simples, militar, medido e culturalizado (Panerai, 2006), a controlar seu desenvolvimento.

Por fim, indicam os autores da abordagem funcional a crise do estável modelo radiocêntrico, sob o qual se desenvolveu a cidade industrial do século XIX. Vive-se agora a descolonização econômica, iniciada na segunda metade do século XX (Panerai, 2006) e acelerada nos recentes processos de globalização e liquefação da sociedade (Baumann, 2001), que não só foram capazes de desmontar o tal modelo e a suposta estabilidade da forma urbana, como emergir a nova cidade contemporânea, para a qual, “é preciso habituar-se a visões fragmentárias, perder a ilusão de tudo ver” (Panerai, 2006: 43) e um novo espaço disperso. Vivemos o tempo das quadras dissolvidas e novos tipos básicos, que permanecem como componentes morfológicos, dispostos ao longo de novas rotas da contemporaneidade.

### 3. Dois casos para estudo

#### 3.1. Paraty, Brasil

Situada no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, a 240 quilômetros da capital fluminense, a paisagem de Paraty sobrepõe florestas, mar e patrimônio histórico, tendo recebido durante seus quatro séculos de existência, camadas de ocupações humanas dos mais variados tipos, formais e informais, todos em busca dos benefícios da localização, proximidade da beleza cênica e tranquilidade conferidas pela Serra do Mar, Baía de Paraty e seus recantos. Sua localização estratégica sempre serviu como conexão entre o litoral e o interior do Brasil. Os primeiros colonizadores a fundaram como núcleo urbano dotado com equipamentos e defesas, servindo ao escoamento do ouro dos séculos XVII e XVIII e depois à produção cafeeira (Brasil, 2011). No século XX foi transformada em polo turístico também por seu bem conservado, mas gentrificado, conjunto arquitetônico e urbanístico.

Formado por aproximadamente trinta quarteirões, o centro histórico de Paraty, de traçado essencialmente regular, possui ruas no sentido N-S, E-W, com poucas distinções entre elas. Ocupa um trapézio de aproximadamente quinze hectares, localizado numa península plana formada por sedimentação de depósitos aluviais e marítimos, entre o mar e as embocaduras dos rios Perequê-Açu a norte e Mateus Nunes ou Patitiba a Sul, e suas parcelas encontram-se totalmente preenchidas por edificações, conforme observado no tecido em destaque da Fig. 7. As áreas contíguas ao centro histórico, contrariamente, possuem tecido irregular próprio dos processos de expansão, descritos adiante.

---

<sup>4</sup> Conjunto de cidades florentinas, fundadas no vale do rio Arno, com destaque para San Giovanni (1269-99) e Terranuova (1337), segundo Trindade (2015, p.156)



Fig. 7. Centro histórico de Paraty. Fonte: Elaboração Vinicius Cruvinel, sobre Google (2019).

O tipo básico é muito próximo àquele observado em Portugal no século XVI, com um ou dois pavimentos, residenciais ou mistos, de pequena escala, como janelas e portas alinhadas, reunidos ao longo das vias sofrendo diversificações principalmente diacrônicas, mantendo-se a coesão do conjunto (ver Fig. 8, itens A, B e C). Nas bordas estão os tipos especializados, templos católicos das mais diversas agremiações: Matriz dos Remédios, Rosário, Santa Rita e Senhora das Dores, que se tornam marcos na paisagem urbana em função da localização e monumentalidade. Não há uma praça principal central, mas cinco, todas na periferia do conjunto. Delas, pelos menos três em um dos lados se abre o mar, quatro recebem um templo, e uma já fora do perímetro do centro histórico, a praça do Chafariz, é dedicada àquele equipamento. O interior do conjunto é dedicado às demais atividades urbanas e ao ambiente doméstico, devidamente abrigado dentro dos quarteirões.

No decorrer dos anos, se desenvolveu ao sabor das atividades econômicas, contíguo ao núcleo original o tecido urbano dos bairros de Fátima e Patitiba e Ilha das Cobras, esse último caracterizado por edificações precárias, oficinas de barcos e famílias de pescadores. Posteriormente, o crescimento avançou para o interior, nas áreas de chácaras, que gradativamente foram subdivididas e ocupadas, dando início à formação da localidade de Mangueira, sempre no entorno imediato do centro histórico, com significativas alterações dos padrões tipológicos, inclusive ocupações informais do espaço público, que vão pouco a pouco, transformando a paisagem por meio de diversificação sincrônica, isolando o centro histórico. São transformações de residências em pousadas e restaurantes, quartos de aluguel, acréscimos e “puxadinhos”, reflexos do turismo

no crescimento urbano e desordenado, na maioria dos casos, alternativas para o complemento e renda da população, observados nas imagens da Fig. 8 (itens C e D).

Mais tarde, com a instalação da BR 101, surgiram diversos novos polos periféricos ao longo da rota estabelecida entre Angra dos Reis (RJ) e Ubatuba (SP), além de ramificações à meia encosta.



Fig. 8. Centro histórico de Paraty: A - tipo básico, B - série tipológica, C - diversificações diacrônicas no seu entorno, D - ocupações do espaço público. Fonte: fotos do autor (2018)

### 3.2. Vila Real de Santo Antônio, Portugal

Como forma de impor ordem e estabelecer a dominação, além de contemplar simbolismo, aspirações de grandeza, eloquência e grau de civilidade (Medeiros, 2013), a Coroa portuguesa cuidava de traçar com racionalidade suas cidades, também no território metropolitano. É o caso da Vila Real de Santo Antônio - VRSA, fundada em 1773 com propósito específico e projeto unitário, passando então a sofrer processos de transformação.

A região do Algarve, após o encerramento do ciclo das grandes navegações e transformações econômicas causadas pelo aumento das remessas das minas brasileiras, entra em um período de decadência, retornando ao interesse dos políticos após o terremoto de 1755 e as intensões de diversificação da economia por meio da pesca e sua indústria, do Marquês de Pombal (Fidalgo et al, 2012). Ao final do século XVIII, representantes das sociedades comerciais, do norte do país, instalam seus negócios na nova vila que se construiria por ordem do governo central (Fidalgo et al, 2012; Santos, 2010).

O sítio escolhido, denominado Barranco, localizado na margem direita do rio Guadiana, transfronteiriço entre Portugal e Espanha, era além de propício ao controle da atividade pesqueira, possuidor de terrenos planos na foz do rio, fazendo ainda frente ao Império vizinho.

A primeira planta da cidade foi executada pela Casa do Risco das Obras Públicas, sob a orientação do arquiteto Reinaldo Manuel dos Santos (Fidalgo et al, 2012) e remetia aos princípios de uma cidade ideal do iluminismo: planta-modelo, de aproximadamente oito hectares, sem qualquer concessão ao sítio, exceto o alinhamento ao mar e ao rio (Teixeira, 2015). Uma “arquitetura de programa” (Correia, 2001 apud Fidalgo et al, 2012: 84),

herdeira da longa “tradição urbanística portuguesa em territórios de além-mar e experiências na área da engenharia militar”, caracterizada por “uniformidade, ordem, sobriedade e standardização”, reflexos do poder real e absoluto, suavizados pelo iluminismo, tendo nela tudo, uma função (Fidalgo et al, 2012: 84).

Quanto aos aspectos morfológicos, a vila é retangular, voltada para o Guadiana em sua maior face, com ruas cruzando-se em ângulos retos (cinco N-S e seis L-W) e toponímia remetendo-se às figuras da família real, com larguras indiferenciadas (ver Fig. 9). Desenvolvem-se a partir de um elemento central, a Praça Real, “espaço aberto no meio dos quarteirões edificados”, que “embora não esteja no centro geométrico da planta, é o seu espaço centralizador” (Fidalgo et al, 2012: 85). Ali estariam o Quartel, as Casas da Câmara e Cadeia e a Igreja em conjunto harmonioso de tipos especializados. O edifício da Alfândega, essencial para cumprimento das funções atribuídas ao conjunto urbano e os das sociedades pesqueiras foram dispostos na frente ribeirinha, junto ao porto. O tipo básico, originalmente térreo (Fig. 10), é difícil encontrar atualmente sem alguma diversificação tipológica, quer seja pela introdução de elementos arquitetônicos (Fig. 11, ítem A), acréscimo de pavimento (Fig. 11, ítem B) ou alteração completa da fachada (Fig. 11, ítem C).

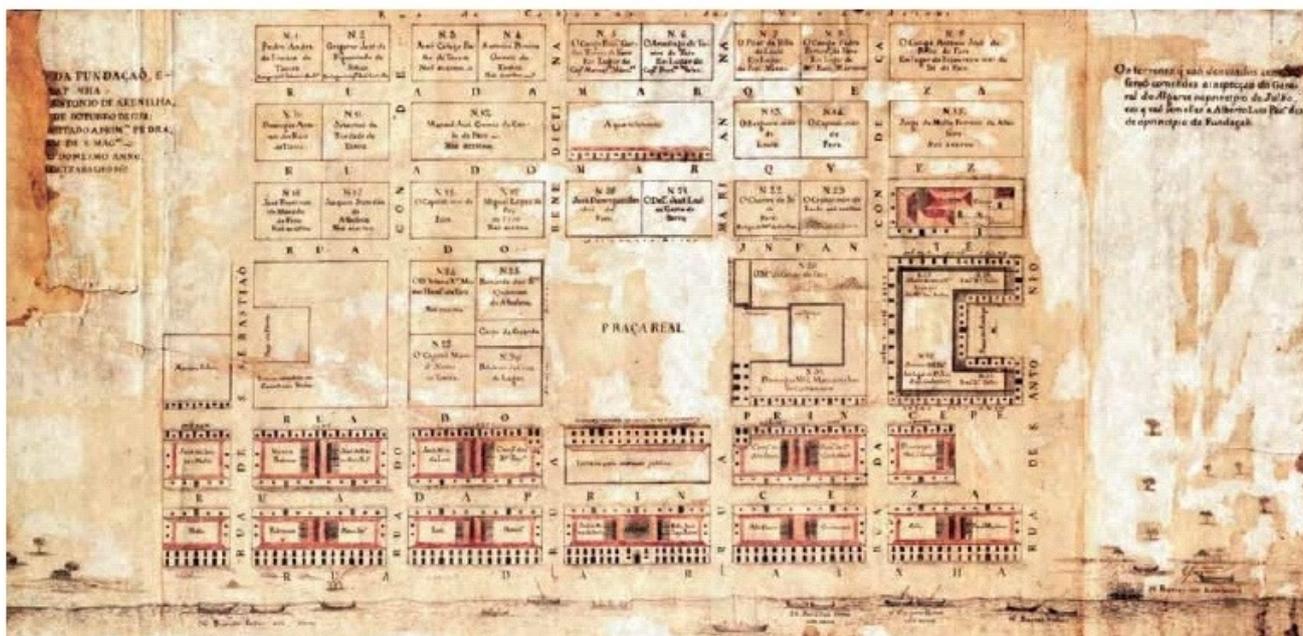


Fig. 9. Planta-modelo da VRSA, 1774. Fonte: Arquivo Histórico de Vila Real de Santo António

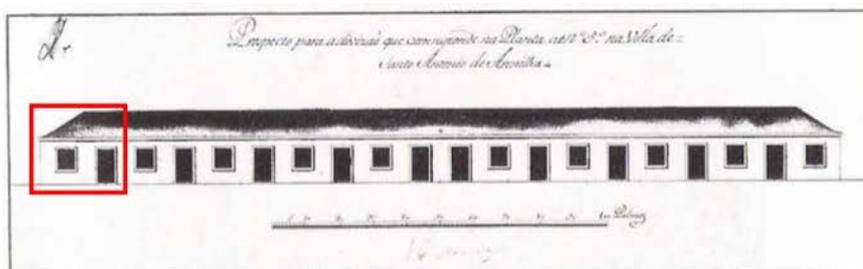


Fig. 10. Tipo básico (em destaque) e série tipológica em projeção de quarteirão original e casario preservado em VRSA. Fonte: Correia (1997), adaptado e foto do autor (2019).



Fig. 11. Diversificação no tipo básico da VRSA: A - introdução de elementos arquitetónicos, B - acréscimo de pavimento, C - alteração completa da fachada. Fonte: fotos do autor (2019)

A morte do rei Dom José I, em 1777, e os fatos que seguiram trouxeram abandono temporário às estratégias políticas e econômicas do Marquês de Pombal e um intervalo de crise à VRSA, superado a partir da legislação liberal de 1830 (Fidalgo et al, 2012: 87), que então se aproveita do projeto funcional original da vila, para desenvolvimento de uma próspera indústria conserveira do pescado que perdurará até a primeira metade do século XX, a registrar mais diversificações, agora sincrônicas, com implantação de edificações em estilo eclético e outras mais próximas do tipo básico original (ver Fig. 12), sem contudo causar transformações no traçado original, apenas ocupações dos inúmeros lotes disponíveis à época.

No século XX, como em Paraty, a atividade turística desponta, desenvolve-se o setor terciário e conforma-se o entorno do centro histórico, mas ainda com manutenção do traçado e intensificação das diversificações diacrônicas, incluindo a instalação de “elementos perturbadores (...), como toldos, aparelhos de ar-condicionado, (...) antenas e equipamentos associados (...), que dificultam a percepção e leitura da cidade” (Fidalgo et al, 2012: 93). Pouco a pouco, em nova diversificação sincrônica, surge um novo tipo (ver Fig. 13, ítem A), mais adaptado às novas condições locais, o edifício em altura, na coroa mais externa ao centro histórico, acompanhado, agora sim, de significativas alterações no traçado: quadras com ruas internas (ver Fig. 13, ítem B), praças, blocos isolados e estacionamentos (ver Fig. 13, ítem C); uma diluição do projeto original, configurando um tecido mais fragmentado.



Fig. 12. Diversificação no tipo básico na Rua da Princesa em VRSA. Fonte: fotos do autor (2019) e Google (2019)



Fig. 13. Diversificação no entorno do centro histórico de VRSA: A – o novo tipo, o edifício, B – ruas internas, C – espaços públicos diferenciados. Fonte: fotos do autor (2019)

### 3.3. Cidades refeitas pelo turismo

Nos dias atuais, as duas cidades são centros da atividade turística o que tem causado ainda mais transformações em suas paisagens, vez que, segundo Lefebvre (2011), nos lugares turistificados, ou com potencial para o turismo, o contingente populacional se amplia, tornando-os locais com dinâmicas emergentes.

Na escala do edifício e dos tecidos, como observado, nos dois casos, houve profundas diversificações sincrônicas nos padrões tipológicos, seriais e traçado, mantendo-se os centros históricos, mas variando significativamente seus entornos. Entretanto, na escala da cidade alargada (Carvalho, 2013), do território ou do organismo urbano, tanto em Paraty como em VRSA há perdas da funcionalidade original desses centros, devido à gentrificação e afastamento da população residente para as zonas periféricas, aparentemente, mais forte no caso brasileiro que no português.

Contudo, formam-se ao longo de novas rotas estabelecidas (Ubatuba/Angra – BR 101 e Vila Real/Faro - N25), no espaço entre o mar e as montanhas, novas polaridades desconectadas, espécies de quadras dissolvidas, pra lembrar a classificação de Panerai (2006), que avançam pelo interior, guiadas por aquilo que Fernandes (2015) chama “lei suprema da adaptação” ajustando-se com mais ou menos regularidade, “entre o nível da necessidade e o nível da conformidade”. A mesma lógica configuracional que produziu “objectos urbanos únicos (...) decorrentes da reciprocidade entre a forma dos sítios e o traçado das cidades” (Fernandes, 2015: 56), mas agora, é claro, num contexto de cidade contemporânea: contraditória, dispersa, fragmentada e policêntrica, embora referenciada pela presença física e simbólica da antiga cidade contínua (Carvalho, 2013) fenômeno indicado nos fragmentos da Fig. 14.

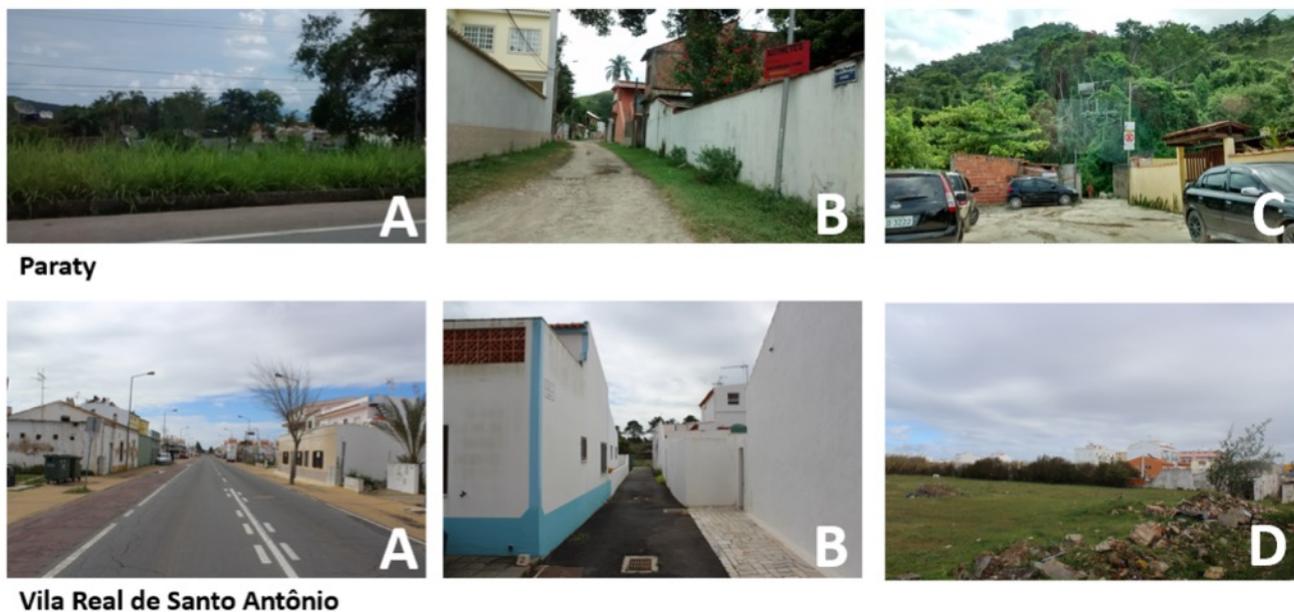


Fig. 14. Ocupações difusas em Paraty e VRSA: A – ao longo das rotas principais, B – nas vias transversais de acesso, C – nas encostas, D – com a formação de vazios. Fonte: fotos do autor (2019)

Como sugere Panerai (2006), o crescimento urbano dos tempos atuais parece estar regulado por uma relação entre tipos de elementos: i) pólos divididos entre o núcleo original, de ocupação concentrada e seu entorno expandido, configurando uma área de transição, geralmente de traçado regular ou muito próximo dele; ii) as linhas ou rotas, que organizam a ocupação difusa, geralmente adaptada a topografia e; iii) as barreiras ou limites que a contém, no caso o mar, os rios e a serra (Fig. 15).



Fig. 15 - Configurações em escala regional de Paraty e VRSA. Fonte: elaboração própria a partir do Google (2019)

Como que diluindo essa estrutura, coexistem territórios compostos por vazios, onde a especulação imobiliária avança tanto quanto a ganância e o controle permitem. Combinam-se o esgotamento da infraestrutura urbana, principalmente nos períodos de maior movimento do turismo, opondo modos de vida do morador, do veranista e do visitante, apresentando-se como novos desafios ao planejamento, muito além daqueles originais.

## Considerações finais

As cidades de Paraty e VRSA são exemplos de urbanismo português na Colônia e na Metrópole, que derivam de tradições de planejamento do território e que, a pesar dos processos próprios, chegam ao século XXI mantendo similaridades. Ambas fundadas como núcleos morfológicamente regulares, atendendo propostos específicos: defender sua população, controlar ou escoar a produção, garantir a posse do território e a soberania do estado, são agora, moldadas pela atividade turística e reféns da lógica espacial da contemporaneidade.

Não obstante às profundas diferenças que possam ainda subsistir entre cidades brasileiras e europeias, diferenças de distribuição mais equitativa suas riquezas, ela nunca se desvincularam, e talvez nunca se desvinculem, ainda que se sobreponham novas roupagens de modernidade “global” (Ferreira, 2005), de um lado e de outro. Do ponto de vista morfológico também seguiremos tendo similaridades entre elas, havendo que utilizar essas lições para o planejamento futuro.

Concluindo, o fato de portugueses e espanhóis terem maneiras diferentes de construir suas cidades, não as fez mais ou menos planejadas. Observemos Ayamonte<sup>5</sup>, do outro lado do Guadiana, antiga e orgânica sobre a colina, oposta à Vila Real, plana e programática; elas são respostas distintas às demandas para ocupar e reconstruir o território (Medeiros, 2013), a própria essência do planejar.

<sup>5</sup> Cidade andaluz, na margem esquerda do Guadiana, habitada originalmente por gregos e fenícios.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRASIL (2011). *Paraty {Cultura e Natureza}*. Dossiê de candidatura a Patrimônio Mundial como sítio misto, apresentado pelo Governo Brasileiro à UNESCO. República Federativa do Brasil. Brasília
- CARPINTERO, A. C. C. (1998). *Brasília-prática e teoria urbanística no Brasil: 1956-1998*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CANNIGIA, G. y MAFFEI G. L. (2001). *Interpretating Basic Building: Architectural Composition and Building Typology*. Firenze: Alinea.
- CARVALHO, J. (2013). *Ordenar a cidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- CATALDI, G. (2018). *Towards a General Theory of Urban Morphology: The Type-Morphological Theory*. En OLIVEIRA, V (Ed). *Teaching Urban Morphology* (65-78). Porto: Springer International Publishing
- COELHO, C.D. (2015). *O Tecido. Leitura e interpretação*. En COELHO, C. D (Coo). *Os elementos urbanos* (13-35). Lisboa: Argumentum.
- CORREIA, J. E. H. (1997). *Vila Real de Santo António – urbanismo e poder na política pombalina*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- CORREIA, J. E. H. (2001). *A importância da arquitectura de programa na História do Urbanismo Português*. Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte (161-169). Faro, 25-29 Setembro.
- DEL RIO, V. (1990). *Introdução ao desenho urbano no processo de planeamento*. São Paulo: Pini.
- DURKHEIM, E. (2004). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- FERREIRA, J. S. W (2005). *A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil*. Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização, Bauru, 21-26 agosto. Disponível em <https://cidadesparaquem.org/textos-academicos/2005/8/21/a-cidade-para-poucos-breve-histria-da-propriedade-urbana-no-brasil>. (Consulta 3/9/2019).
- FERNANDES, S.P. (2015). *O Traçado. O sítio e a forma da cidade*. En COELHO, C. D (Coo). *Os elementos urbanos* (35-57). Lisboa: Argumentum.
- FIDALGO, A., GRILO, M. L. y SANTOS, M. S. (2012). *Centro Histórico de Vila Real de Santo António: passado, presente e futuro*. Promontoria (Coimbra), 10, 81-114.
- HOLANDA, S. B. (2004). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- KROPF, K. (2017). *The Handbook of Urban Morphology*. Chichester: John Wiley & Sons Ltda.
- KROPF, K. (2009). *Aspects of urban form*. *Urban Morphology*, 13 (2), 105-120.
- LARKHAM, P. (2006). *The study of urban form in Great Britain*. *Urban Morphology*, 10 (2), 117-141.
- LEVEBvre, H. (2001). *O direito a cidade*. São Paulo: Centauro.
- MAGNOLI, M. M. (2015). *Paisagens Urbanas - Imaginário na fase atual da globalização*. *Paisagem e Ambiente: ensaios* (FAU/USP), 35, 13-59.
- MEDEIROS, V. A. S. (2013). *Urbis Brasiliae: o Labirinto das Cidades Brasileiras*. Brasília: EdUnB.
- MOUDON, A.V. (2015). *Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente*. *Revista de Morfologia Urbana* (Rede Lusófona de Morfologia Urbana), 3 (1), 41-49.

- OLIVEIRA, V. M. A. (2011). *Avaliação em Planeamento Urbano*. Porto: U.Porto Editorial.
- PANERAI, P. (2006). *Análise Urbana*. Brasília, EdUnB.
- PEREIRA COSTA, S. A. (2015). *Fundamentos de Morfologia Urbana*. Belo Horizonte: C/Arte.
- RIBEIRO, O. (1994). *Opúsculos Geográficos: Temas Urbanos 5*. vol. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, M.S. (2010). *A Fundação de Vila Real de Santo António*. En FIDALGO, A., GRILO, M. L. y SANTOS, M. S. (2010). *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista (catálogo da exposição x-x)*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de VRSA.
- STRAPPA, G. (1995). *Unità dell'organismo architettonico: Note sulla formazione e trasformazione dei caratteri degli edifici*. Bari: Edizione Dedalo.
- TEIXEIRA, M. (2015). *As Formas da Cidade Portuguesa*. En: OLIVEIRA, V., MARAT-MENDES, T. y PINHO, P. *O Estudo da Forma Urbana em Portugal (25-54)*. Porto: U.Porto Editorial.
- TRINDADE, L. A. M. (2015). *A malha. Fazer cidade medieval: agentes programa e execução (59-81)* En COELHO, C. D (Coo). *Os elementos urbanos*. Lisboa: Argumentum.
- Fontes eletrônicas
- [http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id\\_fortaleza=911&muda\\_idioma=PT](http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=911&muda_idioma=PT) (Consulta: 9/3/2019).
- <http://www.cidade-salvador.com/seculo16/salvador-1600.html> (Consulta: 12/2/2019).
- <http://www.gahetna.nl/collectie/> (Consulta: 9/3/2019).